



GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DE GALÓPOLIS: GESTÃO COMUNITÁRIA DA INFORMAÇÃO A PARTIR DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

PARTICIPATORY INVENTORY OF GALÓPOLIS: COMMUNITY MANAGEMENT OF INFORMATION BASED ON INDUSTRIAL HERITAGE

Geovana Erlo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ana Carolina Gelmini de Faria - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O trabalho, recorte da pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS) abarca o processo de musealização do território de Galópolis - bairro localizado na zona sul da cidade de Caxias do Sul/Rio Grande do Sul - Brasil. Objetiva-se analisar a participação da comunidade do bairro na gestão das informações produzidas a partir do patrimônio industrial elencado por meio de estratégias que potencializam o seu protagonismo. Para tal, destaca-se o caráter metodológico diverso incorporado tanto na coleta como na análise das fontes acerca dos objetos de estudo: suscitando consonâncias entre as metodologias da arqueologia industrial e da pesquisa-ação, dentre os métodos utilizados para a compreensão da dinâmica museal constam a história oral, a análise documental, iconológica e de conteúdo, tendo por destaque a realização de um inventário participativo como estratégia da educação para o patrimônio, buscando alcançar uma perspectiva museal integradora que fomente a autogestão de uma comunidade enquadrada por uma dinâmica industrial paternalista. Baseando-se nos princípios da Museologia Social, pretendeu-se, através da pesquisa, proporcionar um processo contínuo de reflexão acerca da história local, dos discursos museológicos e da necessidade de se estimular o protagonismo comunitário acerca das demandas locais de forma empírica e emancipadora.

Palavras-chave: gestão comunitária; museologia social; patrimônio industrial; museu de território de Galópolis; inventário participativo de Galópolis.

Abstract: The work, excerpt from the master's research defended in the Graduate Program in Museology and Heritage of the Federal University of Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), encompasses the process of musealization of the Galópolis territory - a neighborhood located in the southern zone of the city of Caxias do Sul, Rio Grande do Sul - Brazil. The objective is to analyze the participation of the community in the neighborhood in the management of information produced from the industrial heritage, through strategies that enhance their protagonism. To this end, a diverse methodological approach is highlighted, incorporated in both the collection and analysis of sources regarding the objects of study. This approach involves aligning methodologies from industrial archaeology and action research, and among the methods used to understand the museum dynamics are oral history, documentary analysis, iconological and content analysis. A participatory inventory is particularly emphasized as a heritage education strategy, aiming to achieve an inclusive museal perspective that promotes self-management within a community framed by a paternalistic industrial

dynamic. Drawing on the principles of Social Museology, the research sought to provide a continuous process of reflection on local history, museological discourses, and the need to stimulate community protagonism in relation to local demands in an empirical and emancipatory way.

Keywords: community management; social museology; Industrial heritage; museu de território de Galópolis; participatory inventory of Galópolis.

1 INTRODUÇÃO

Em 1894, 28 ex-operários do Lanifício Rossi de Schio (Vêneto, Itália) chegaram à região que compreendia a Zona Colonial Italiana, no nordeste do Rio Grande do Sul (Brasil). Expulsos de seu país após organizarem uma greve reivindicando, dentre outros aspectos, melhores condições salariais, estabeleceram-se na Quarta Léguas, às margens do Arroio Pinhal, e reproduziram neste novo local a realidade que conheciam: criaram uma cooperativa têxtil, a Società Tevere e Novità. O empreendimento, embora tenha sofrido significativas alterações em sua gestão ao longo dos seus mais de 100 anos de produção – passando pela modalidade de sociedade anônima durante o período em que se tornou Lanifício São Pedro S.A. e Lanifício Sehbe –, retornou ao seu modelo de produção cooperativado no ano de 2001 sob o nome de Cootegal Tecidos (HERÉDIA, 2017; FERRI, 2018).

O paternalismo, próprio da organização fabril das vilas operárias (LOPES, 1987; THOMPSON, 1998), deixou feridas na comunidade de Galópolis através da coerção ideológica partida de seus dirigentes sobre os trabalhadores. Dificultando a saída do território cerceado simbolicamente e fisicamente e impedindo a autonomia operária frente à organização de seu território, a empresa estimulou a dependência integral dos moradores por meio de seus múltiplos recursos – educação, cultura, esporte, sociabilidade e fé católica –, tornando a vila operária e as próprias relações comunitárias verdadeiras extensões de seu ambiente produtivo. Com o desmantelamento do modelo paternal por conta da troca de gestão, tais elementos impostos como elementos identitários e de pertencimento, embora ainda muito presentes, percebem-se em risco de desaparecimento.

Na tentativa que reconstruir - ou questionar - o fragmentado pertencimento territorial que, embora traumático, representava a segurança de uma comunidade homogeneizada pelas fronteiras simbólicas entre o “nós” e os “outros”, instituições de memória surgiram. Com sujeitos e propósitos distintos, duas destas organizações se destacam: o Museu de Território de Galópolis, mantido pelo Instituto Hércules Galló; e o

Inventário Participativo de Galópolis, gerido pelo Centro Comunitário e Cultural Galópolis. Estas duas expressões da atribuição de musealidade ao patrimônio industrial galopolitano foram objetos de estudo da pesquisa “Tecendo a gestão comunitária do patrimônio industrial: do Museu de Território ao Inventário Participativo de Galópolis”, defendida em 2023, em nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS).

Ambas as iniciativas museais, em tese, foram consolidadas sob a égide da Museologia Social. Tal proposta museal emancipadora teve como base a Declaração de Santiago do Chile, elaborada a partir da famosa Mesa-Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972 - embora estas ideias já viessem sendo estruturadas anteriormente por meio das produções do museólogo Hugues de Varine e das experiências práticas de museus de vizinhança, como o de Anacostia (Washington). Para Varine ([1995] 2010), ao discorrer acerca das prerrogativas de Santiago, o caráter inovador se expressa nas considerações das resoluções, sobretudo duas: “Aquela de museu integral, isto é, que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade; Aquela do museu como ação, isto é, instrumento dinâmico de mudança social” (VARINE, 2010, p. 40).

As pesquisadoras Judite Primo (1999) e Manuelina Maria Duarte Cândido (2003) concordam com a inovação proposta pelo documento, mas contribuem para uma reflexão mais abrangente ao reforçar que ao longo do evento e principalmente nos seguintes - como a Reunião de Oaxtepec, no México em 1984, a 16ª Assembleia Geral do ICOMOS, em Quebec, Canadá, em 1984, e o Seminário “A Missão do Museu na América latina hoje: novos desafios”, em Caracas, Venezuela, 1992 - o conceito de “museu integrado” também foi discutido. Ambos não foram tratados como sinônimos, mas ao mesmo tempo críticos e complementares, refletindo acerca ideia de “musealização integral”, do todo. Assim, na perspectiva da Museologia Social, o museu que se diz integral (na teoria) e integrado (na prática) precisa integrar as comunidades do seu entorno em sua cadeia museológica, propondo ações para seu desenvolvimento e profissionalização, mas, sobretudo, em sua missão, seus objetivos e funções: ultrapassando as barreiras das coleções e alcançando o patrimônio cultural; superando os limites dos muros de sua edificação e chegando aos territórios; tornando as comunidades não apenas público do museu, mas também suas idealizadoras, mantenedoras e inspiradoras.

Todavia, percebe-se que as duas iniciativas analisadas e previamente citadas diferem sobre a perspectiva de museu integral e integrador (ERLO, 2023). O Museu de Território de Galópolis, ainda que idealizado sobre as abordagens conceituais de uma Museologia Social, foi imposto verticalmente pela instituição proponente: ao final das etapas propostas percebe-se que os operários e moradores foram invisibilizados diante da construção da história local, tanto pela expografia apresentada no núcleo do museu como pelos totens do percurso (ERLO, 2019, 2023). Tal processo nos levou a indagação: Como estimular o compromisso ativo da comunidade do bairro com a gestão do território na perspectiva da musealização? Que papéis esses agentes assumem nessa negociação?

O percurso metodológico para responder tais questões culminou na proposta de organização de um inventário participativo, caracterizando a investigação como uma pesquisa-ação (TRIPP, 2005), caracterizada por um olhar dialógico e subjetivo acerca de um tema sensível e impreterivelmente próximo de quem pesquisa. Ela foi utilizada neste trabalho no intuito de representar a dicotomia entre tensão e consonância que embala a mediação entre o teórico e o prático - e mais do que o simples prático, o cotidiano, buscando a transformação da realidade local. O pragmatismo inerente ao paradigma epistemológico pode ser expresso na máxima “transformar para conhecer” e vice-versa - estimulando a devoração (CHAGAS, 2003) entre o conhecer para transformar e o transformar para conhecer.

Neste momento, não se exigirá do Museu apenas a possibilidade de reinterpretar o passado ou de possibilitar a compreensão do presente; nele se irá procurar o agente do processo de “modernização”, o estimulador de uma consciência crítica e de uma visão humanística; o instigador de amortecidas capacidades de indagar, de julgar, de criar; o deflagrador de um processo no qual o Homem se coloque como fruidor e agente de vida cultural; o conscientizador do processo histórico, do Homem como ser histórico. O Museu é, assim, e deve ser cada vez mais, o agente da Utopia. (GUARNIERI, 1977, p. 26)

Como forma de aplicar esta episteme para incluir os sujeitos galopolitanos como agentes da Utopia (não apenas a museal) foi selecionado o método do inventário participativo, segundo a concepção de Varine (2012), já bastante explorado em contextos semelhantes na realidade brasileira e orientado a partir da atuação do Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016)¹. Ambas as perspectivas percebem tal método como uma forma de educação para o patrimônio cultural e não somente para a educação patrimonial, tornando os inventariantes protagonistas da construção de sua história com base em testemunhos - e não apenas receptores de uma historiografia já consolidada e fundamentada em ideais positivistas. Assim, a complementariedade entre metodologia e método utilizados nesta pesquisa instiga a participação comunitária no intuito de torná-la protagonista de um processo que sempre lhe foi exteriorizado. O inventário assumiu um papel determinante e politicamente engajado quando foi percebido como uma alternativa aos propósitos da histórica luta pela preservação patrimonial do bairro, capaz de fomentar a produção de uma informação protagonizada por seus agentes.

2 DESENVOLVIMENTO

A comunidade de Galópolis vive um impasse: a sede social do antigo Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, uma propriedade pública cedida informalmente à Associação dos Moradores de Galópolis (AMOG) - entidade comunitária que busca fomentar a organização local desde sua fundação, em 1988 - no ano de 2013 para a criação do Centro Comunitário e Cultural Galópolis (CCCG) foi interditada por problemas estruturais (e questões políticas). A comunicação entre poder público e Associação encontra-se (na conjugação presente, pois até o momento de escrita deste texto ainda não foi resolvida) em segundo plano, uma vez que a especulação imobiliária e os interesses econômicos da iniciativa privada também estão sendo debatidos pela municipalidade.

Diante disso, a entidade criou um grupo de voluntários do bairro em 2021 para revitalizar o projeto do Centro Comunitário e Cultural Galópolis e mobilizar a luta pela manutenção do espaço como núcleo cultural do bairro, prezando pelo seu tombamento, mas também, percebendo a duras penas que tantos outros elementos culturais de Galópolis vêm se perdendo. O objetivo do método - que se transformou em projeto permanente a partir de sua incorporação às entidades organizadas locais como estratégia de debates, tensionamentos e enfrentamentos - ultrapassou suas referências iniciais e aliou a teoria científica à prática militante para servir às demandas populares.

¹A pesquisa passou pela análise da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (COMPESQ-FABICO/UFRGS). O processo foi registrado na Plataforma Brasil sob o número 41990 e aprovada pelo Comitê de Ética, recebendo parecer positivo à sua execução ao longo do ano de 2022.

O “Inventário Participativo de Galópolis”, além de equiparar a correlação de forças entre agentes nas disputas próprias do campo patrimonial, passou a servir também como um instrumento de revisão de premissas sobre a capacidade organizativa da população e um espaço de encontros para suprir a latente vontade de aproximação da comunidade às diferenças, simbolizando a ode à autogestão comunitária, que passa a protagonizar a produção de informação e conhecimento sobre si. Cabe a ressalva de que a utilização de “comunidade”, aqui, representa a revalidação do senso coletivo, combativo e das diferenças que a tornam heterogênea, que a transformam de comunidade construída em comunidade em construção. Da mesma forma, esta pesquisa apresenta um inventário participativo em permanente construção, assim como as bases teóricas que o consolidam como ferramenta para a transformação da realidade.

O conhecimento teórico-metodológico sobre inventários participativos parte do Manual de Aplicação de Inventário Participativos do IPHAN (2016, p. 7), que indica que inventariar “[...] é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor [sendo] necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local”. Embora não trouxesse a definição exata do que é um inventário participativo, o Manual o inseria como metodologia da Educação Patrimonial - ou Educação para o Patrimônio (GRINSPUM, 2000), no caso de Galópolis -, enfatizando o papel da comunidade como protagonista “[...] para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural” (IPHAN, 2016, p. 5), devendo traçar métodos específicos para tal, de acordo com sua realidade. Mais adiante, a partir do aceite do conselho gestor do projeto do Centro Comunitário e Cultural Galópolis em executar um inventário participativo, encontramos na produção de Hugues de Varine (2012, p. 55) uma referência mais específica para o caso de Galópolis ao apontar também as fragilidades do método:

Na verdade, o método tem seus defeitos, ligados em particular à subjetividade dos habitantes e aos fenômenos da moda, de qualquer modo relativizados pela necessidade de consenso para as decisões. Mas o mais difícil reside nas perspectivas de futuro de tal inventário, feito pela geração ativa hoje, com seus gostos e sua relação com o passado. O que será dele em duas ou três gerações? Erros terão sido cometidos, por parte das pessoas ativas nesse momento? Outras modas não serão impostas? Uma administração municipal eleita, responsável pelo interesse geral, pode aceitar sem discussão as escolhas que lhe são impostas por pessoas sem a

competência acadêmica minimamente indispensável? [...] Para mim, mesmo se ainda é utópico na maior parte das situações, o inventário participativo é a forma mais acabada de inventário local, mas é difícil, metodologicamente exigente, longa. Além do mais, este deve ser repetido em intervalos regulares para conta da evolução da cultura e das modas. [...]. Devemos sempre lembrar que o inventário compartilhado é ao mesmo tempo um objetivo e um meio: trata-se com certeza, de chegar a um produto, utilizando todos os meios de coleta, de registro e de difusão; mas é também, e talvez principalmente, uma pedagogia que visa a fazer nascer no território a imagem complexa e viva de um patrimônio comum, de múltiplos componentes e facetas, que se tornará o húmus do desenvolvimento futuro, e que será igualmente compartilhado por todos.

O método do inventário, por sua peculiaridade e grau de complexidade, mas ao mesmo tempo de adaptabilidade, no contexto da busca pela retomada do prédio do Círculo Operário para reconstrução do Centro Comunitário e Cultural Galópolis, pareceu uma boa forma de, ao mesmo tempo, utilizar esta demanda inserida no campo das discussões do patrimônio cultural como forma de justificar a preservação do bem em questão - e a partir da noção de preservação, instaurar a necessidade do uso para o cumprimento de sua função social. A sugestão da aplicação da metodologia foi levada aos membros do comitê na reunião do dia 5 de janeiro de 2022, sendo bem acolhida.

Mas, para o inventário ter ampla participação, era necessário um plano de comunicação para alcançar o extrato da população do bairro que não acessava ou acessava pouco a internet, bem como um intenso processo de divulgação por meio das redes sociais, buscando alcançar as camadas mais jovens. Assim foi iniciada a colagem de cartazes (figura 1) por pontos estratégicos de grande circulação no bairro e distribuído folders em quase todas as ruas do bairro. Posteriormente, a Padaria Galópolis e a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia firmaram seu apoio e passaram a divulgar o Inventário Participativo de Galópolis em seus alto-falantes ao menos duas vezes por semana até primeiro encontro, programado para acontecer no dia 8 de março de 2022, uma terça-feira, em dois horários - às 16h, para alcançar os moradores que iam à feira do agricultor e ao Brechó Amigópolis (realizados somente nas terças, movimentando o centro do bairro), além dos estudantes das duas escolas do núcleo urbano que também foram previamente convidados a participar e às 19h, para os trabalhadores.

Nas redes sociais, definiu-se que entre o dia 11 de janeiro e 8 de março de 2022 a programação seria com ao menos três publicações semanais nos perfis da AMOG e Ponto de

Cultura no *Facebook*, e o da AMOG no *Instagram*. Em toda a publicação, com legendas chamativas e lúdicas, destacar-se-ia o papel do Projeto CCCG - e isso ocorreu também nas imagens individuais, publicadas em carrossel e vídeos nos formatos de *reels* ou apenas publicados no *feed*, que seguiam três modalidades de comunicação: vídeos de chamamento, imagens explicativas sobre patrimônio cultural e a proposta do inventário participativo, além dos vídeos e stories do “isso é patrimônio de Galópolis?”, em que, na tentativa de estimular a participação quanto à atribuição de musealidade aos bens culturais e chamar a atenção ao IPG, o público poderia votar em enquetes virtuais.

Figura 1 - Cartazes de divulgação do Inventário Participativo de Galópolis



Fonte: Erlo (2022, p. 81.)

Outros dois meios de divulgação foram utilizados: matérias publicadas em coluna de jornal e um ato simbólico representando o luto da comunidade frente ao descaso com o patrimônio cultural, ocorrido em 30 de janeiro de 2022, dia em que, durante a programação dos Jogos Coloniais da Festa da Uva realizados no bairro, foram estendidas duas faixas no prédio do Círculo Operário nas duas laterais de maior visibilidade com os dizeres “luto pelo nosso patrimônio” - sendo “luto” utilizado tanto como expressão de um sentimento coletivo quanto um verbo de mobilização, referente à “luta”.

Em paralelo à divulgação, realizamos a etapa da formação do inventário participativo, enquanto instrumento, realizada de forma intensiva ao longo dos dias 24, 25, 26 e 27 de janeiro de 2022, na modalidade híbrida. Os que podiam participar presencialmente encontravam-se às 18h30min e permaneciam na sede da Exitus até 21h, sendo este o mesmo período de transmissão para os que acompanhavam de casa - que ficou gravada,

como registro da etapa formativa. O recurso didático partiu do curso “Inventário Participativo”, ofertado de forma gratuita pela plataforma SaberMuseus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Em grupo, líamos os aspectos principais das aulas virtuais e debatíamos a pertinência para a aplicação na nossa realidade. No último dia de formação, recebemos a Profª Drª Ana Maria Dalla Zen, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que nos auxiliou a pensar em formas de desenvolver o inventário apresentando a experiência do Museu das Ilhas e do Museu da Lomba do Pinheiro, ambos localizados em Porto Alegre e contando com o apoio do curso de Museologia e PPGMusPa da UFRGS.

Na ocasião concluímos que o método do inventário participativo, assim como propõe Varine (2012), deveria ser aplicado de forma contextualizada, pensando no alcance integral dos objetivos do grupo: a preservação do patrimônio cultural industrial, o desenquadramento da memória coletiva e o fomento à autogestão comunitária. Para tal, estruturamos um cronograma-base dinâmico (quadro 1), que ia sendo alterado periodicamente de acordo com as necessidades evidenciadas ao longo dos encontros- que inicialmente previu-se serem em torno de 12, retornando à primeira etapa ao seu término.

Quadro 1 - Cronograma de aplicação do Inventário Participativo de Galópolis

ETAPA	MOMENTO	DURAÇÃO	PREVISÃO
1	Identificação dos patrimônios culturais de Galópolis	3 encontros	Março de 2022
2	Seleção dos patrimônios prioritários para início de pesquisa	1 encontro	Março de 2022
3	Pesquisa e catalogação de acervo	4 encontros	Abril de 2022
4	Construção de um produto para apresentação dos resultados da pesquisa	3 encontros	Maiο de 2022
5	Autoavaliação	1 encontro	Maiο de 2022
Retorno à etapa 1			

Fonte: Extraído de ERLO (2023, p. 269).

Para documentar e disponibilizar as informações coletadas a partir das falas dos participantes do inventário - demanda não alcançada pelo projeto do Museu de Território de Galópolis - todo encontro era gravado em sua integralidade, em áudio e vídeo, e, assim como as atas e registros fotográficos das reuniões, este material foi armazenado em um repositório do Inventário Participativo de Galópolis criado na plataforma *Google Drive*. Desde as primeiras comunicações feitas por meio das redes sociais para informar o

desenvolvimento do projeto prezamos por divulgar o link de acesso ao meio digital em questão, facilitando a recuperação e fruição das informações coletadas.

Conforme os encontros ocorriam percebemos que o número de encontros necessários para cada etapa aumentaria exponencialmente por conta do número de informações disponibilizadas pelas falas dos moradores e ex-moradores de Galópolis. Também notamos que a linearidade das etapas, isto é, seu início e finalização, não ocorreria da forma planejada inicialmente, sendo necessário retornar frequentemente à etapa 1, por exemplo, ao serem identificados bens culturais de valor patrimonial ao longo das fases subsequentes.

Dentre as idas e vindas das etapas do recorte temporal selecionado para este artigo - do dia 8 de março ao dia 18 de agosto de 2023, período em que foi realizada a primeira fase do Inventário Participativo de Galópolis, sendo completadas as 5 etapas e retomada a primeira - mapeamos 247 patrimônios de Galópolis, dispostos ao longo de oito categorias construídas de acordo com a eleição dos respectivos patrimônios, sendo elas “[...] edificações [...], serviços [...], cultura [...], esportes, gastronomia, paisagens naturais e religiosidade [...] e pessoas” (ERLO, 2023, p. 276). Em linhas gerais, é possível chegar às seguintes conclusões:

[...] a partir da análise dos bens culturais que compõem a listagem inicial do Inventário Participativo de Galópolis: todos possuem uma clara referência à dinâmica industrial, refletindo o imaginário operário e a permanência das estruturas de poder construídas na região – todavia, nem todas as referências tem relação com o Lanifício São Pedro, tendo em vista a diversificação do setor industrial em Galópolis ao longo do tempo; ao mesmo tempo que são citados patrimônios que desempenhavam (e por vezes ainda desempenham) um papel coercitivo, são indicados outros que simbolizam a resistência de uma parcela expressiva da população da vila operária frente à dominação ideológica; mais do que funções estéticas, os bens inventariados ou em processo de inventariamento foram indicados por seus aspectos sógnicos, representando uma autoimagem construída social, política, econômica e culturalmente; houve uma dificuldade em distinguir elementos dentro das categorizações propostas inicialmente, o que demonstra uma imersão profunda em sua própria realidade ao ponto de serem necessárias novas categorias, mais abrangentes; a diversidade de bens elencados foi maior durante a construção do IPG, porém, mesmo assim, questões de tensionamento envolvendo patrimônio indígena e patrimônio negro, por exemplo, não geraram novas indicações. Ainda carece de abertura para temas sensíveis, embora o movimento operário já tenha sido assumido como representativo à realidade local (ERLO, 2023, p. 283).

Estes aspectos devem ser levados em consideração para se analisar a informação de que o primeiro patrimônio industrial a ser pesquisado de forma aprofundada na etapa 2 foi definido pelos participantes ainda no segundo encontro do projeto. Por conta de sua representatividade à história da comunidade, seu risco de desaparecimento (material, por conta de sua deterioração física devido ao abandono desde 2019 e a sistemática negligência do Poder Público) e possibilidade de reutilização para as demandas do bairro como Centro Comunitário e Cultural Galópolis, a sede social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos foi o primeiro bem cultural pesquisado pelo grupo do Inventário.

Os participantes começaram a levar seus acervos pessoais referentes à edificação supracitada a partir do terceiro encontro (Figura 3), quando fizemos o mapeamento geral de fontes, identificação de lacunas historiográficas e organizamos a busca por mais documentos escritos, imagéticos, tridimensionais e memórias orais que sanassem as dúvidas suscitadas no momento. Começamos a construir uma linha do tempo sobre a história do Círculo, mas percebemos que sua linearidade também era questionável, uma vez que o debate pendeu mais sobre a postura assistencialista da entidade operária do que sua estrutura propriamente dita - cabendo mais destaque para seu significado imaterial e representativo.

Figura 3 - Mapeamento de fontes históricas sobre o Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos



Fonte Erlo (2022, p.345).

A pesquisa (etapa 3) se deu com base no acervo levado e catalogado pela comunidade, “[...] totalizando 504 itens cadastrados seguindo uma adaptação da Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) para facilitar seu manuseio por todos os membros da comunidade - tanto os participantes do Inventário como os demais

interessados” (ERLO, 2023, p. 284). A catalogação iniciava com a assinatura do termo de cedência da imagem digital, sua higienização, digitalização, descrição - indicando data, autoria, nível de conservação (físico), data de cessão, data de inclusão e data de devolução - codificação, publicação (na plataforma Google Drive, em uma pasta própria) e divulgação no site do Centro Comunitário e Cultural Galópolis. Objetos tridimensionais também foram trazidos pela comunidade, sendo registrados e divulgados por meio de fotografias - levando em consideração a inexistência de um espaço físico. Além das coleções institucionais e familiares buscou-se bibliografias que trouxeram um olhar crítico quanto a presença do Círculo Operário.

Todos os presentes nos encontros do Inventário Participativo de Galópolis participaram dos processos inerentes à pesquisa histórica e isto reverberou na autoavaliação do grupo realizada como 5ª etapa da primeira fase do projeto, em que os participantes ressaltaram a importância de organizar seu acervo individual de forma a não perder documentos importantes para sua memória individual e coletiva. Também percebemos uma demanda de conhecer melhor as plataformas digitais por nós utilizadas, para que pudessem manusear para além dos encontros presenciais e, por isso, pontuamos os passos necessários para aceder à pasta do projeto tanto nos encontros presenciais quanto no grupo de *WhatsApp* criado para facilitar a comunicação com os membros.

Da organização do acervo e pesquisa bibliográfica seguimos para a elaboração de um produto (etapa 4) para apresentar os resultados da pesquisa. Escolhemos elaborar uma exposição de percurso ao ar livre, no centro da Praça Duque de Caxias, área central de Galópolis que tem edificações remanescentes do período paternalista da localidade em seu entorno - dentre os quais está a sede social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos. A proposição do discurso museográfico e dos elementos expográficos foram todos definidos coletivamente, bem como a posterior avaliação do produto antes de sua impressão. A exposição “História(s) e Memória(s) do Círculo Operário” inaugurou no dia 2 de julho de 2023 (figura 4) e permaneceu até o dia 23 de dezembro do mesmo ano - conseguindo prorrogar o prazo para uso do espaço público por conta da pressão e mobilização comunitária.

Figura 4 - Abertura da exposição “História(s) e Memória(s) do Círculo Operário



Fonte: Acervo do Inventário Participativo de Galópolis (2022).

Ao longo do período de exposição, os voluntários do Inventário Participativo de Galópolis atenderam 643 estudantes das quatro escolas mais próximas do bairro por meio da atividade educativa “Janelas do Círculo”, em que alunos e alunas poderiam escrever ou desenhar qual seria o futuro da edificação do Círculo Operário segundo suas subjetividades e demandas. Destacamos que a maioria das produções enfatizavam o caráter cultural, educativo e de lazer para a juventude do bairro que cada vez menos busca permanecer em Galópolis devido à falta de atendimento às suas necessidades. Pô-los como protagonistas do futuro da localidade significa uma importante tentativa de restaurar a relação de pertencimento dos jovens à territorialidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Museologia Social tem como seus pilares a superação dos limites excludentes das instituições museológicas para alcançar o território, a ampliação de seu espectro analítico de coleções para o conjunto de patrimônios culturais e, mais do que a inclusão no processo de gestão, a mudança do posicionamento que a comunidade ocupa - de público, para gestores.

O alcance de novos sujeitos abre possibilidades para abarcar novas demandas ou mesmo reforçar as que estão em voga há tempos. Mas sempre representa uma interação em prol do conhecimento e da dignidade das comunidades impactadas e impactantes pelo patrimônio cultural.

O Inventário Participativo de Galópolis surgiu para reivindicar o acesso e a fruição ao posto que a comunidade - e a representação simbólica que o uso deste termo implica - sempre lutou para alcançar: o de protagonistas de sua territorialidade. Ultrapassando as barreiras paternalistas e a dependência de agentes externos, os diversos sujeitos que consolidam a identidade dinâmica e plural de Galópolis que foi renegada pela historiografia oficial.

O acesso às novas fontes históricas, sua transformação em informação e a consequente divulgação (seja ela científica ou não) trazem a possibilidade de reformular a percepção dos moradores e ex-moradores acerca de si mesmos e sua coletividade. Todavia, este objetivo somente será alcançado mediante a gestão comunitária da informação e da produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Maria Manuelina Duarte. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lusófona, v. 20, 2003.

CHAGAS, Mário. Memória Política e Política da Memória. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.) **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.136-170.

ERLO, Geovana. **Museu de Território de Galópolis**: estratégia para a preservação do Patrimônio Industrial e Identidade local. Monografia em História. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/5912>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ERLO, Geovana. **Diário de campo gestão comunitária de Galópolis – 2021-2022**. Caxias do Sul: [s./], 2022. 1 diário de bordo. p. 571.

ERLO, Geovana. **Tecendo a gestão comunitária do patrimônio industrial**: do Museu de Território ao inventário participativo de Galópolis. 2023. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257661>. Acesso em: 03 jul. 2023.

FERRI, Marlos Rodrigo. **Tecendo uma história**: a Cooperativa Têxtil Galópolis. 2018. Dissertação (Mestrado em História) - Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2018.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio**: Museu de Arte e escola, Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2000.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana**. 2. Ed., ampl. Caxias do Sul: Educs, 2017.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DE GALÓPOLIS. **Exposição “História(s) e Memória(s) do Círculo Operário”**. Caxias do Sul: Exposição virtual, 2022. Disponível em: <https://www.inventarioparticipativodegalopolis.com/projeto-cccg-copy>. Acesso em: 03 jul. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos**. Brasília: MinC, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf. Acesso em: 03 jul. 2023.

LOPES, José Sérgio Leite (org). **Cultura e Identidade Operária: Aspectos da cultura da classe trabalhadora no Brasil**. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/Editora da UFRJ, 1987.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lusófona, n. 16, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VARINE, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile [1995]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p.38-42.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.